

V. E.
SCHWAB

VILÃO

Tradução de
Flavia de Lavor

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2019

I

AMIGOS, FAMÍLIA E OUTROS LAÇOS MAIS FORTES



NOITE PASSADA

CEMITÉRIO DE MERIT

Victor ajeitou as pás no ombro e pisou com cuidado num túmulo antigo, meio afundado. Seu sobretudo se agitava um pouco ao vento e roçava no alto das lápides, enquanto ele caminhava pelo Cemitério de Merit, cantarolando baixinho. O som era levado como o vento na escuridão e fazia Sydney estremecer dentro do casaco grande, da legging colorida e das botas de inverno, enquanto caminhava com dificuldade atrás dele. Os dois pareciam fantasmas ziguezagueando pelo cemitério, ambos loiros e brancos o bastante para que se passassem por irmãos, ou, talvez, pai e filha. Não eram nem uma coisa nem outra, mas sem dúvida a semelhança era conveniente, considerando que Victor não podia sair por aí dizendo que tinha apanhado a garota ensopada de chuva na beira de uma estrada alguns dias antes. Ele havia acabado de fugir da cadeia. Ela havia acabado de ser baleada. Um encontro do destino, ou pelo menos era o que parecia. Na verdade, Sydney era a única razão pela qual Victor começava a acreditar em destino.

Ele parou de cantarolar, descansou o pé levemente numa lápide e sondou a escuridão. Não exatamente com os olhos, mas com a pele, ou com o que rastejava sob ela, dissimulado em sua pulsação. Victor podia até ter parado

de cantarolar, mas a sensação continuou, um ligeiro zumbido elétrico que apenas ele conseguia ouvir, sentir e interpretar. Um zumbido que o avisava quando alguém estava por perto.

Sydney o viu franzir de leve a testa.

— Tem mais alguém por aqui?

Victor piscou, e a preocupação desapareceu, substituída pela serenidade que ele costumava exibir. Escorregou o pé de cima da lápide.

— Só nós e os mortos.

Eles continuaram caminhando até o centro do cemitério, as pás quicando suavemente no ombro de Victor no ritmo dos passos. Sydney chutou uma pedra solta que tinha se desprendido de um dos túmulos mais antigos. Dava para ver letras, pedaços de palavras, gravadas num lado. Queria saber o que estava escrito, mas a pedra já havia rolado por cima do mato e Victor ainda avançava depressa por entre os túmulos. Ela correu e quase tropeçou várias vezes no terreno congelado até alcançá-lo. Victor havia parado, examinando um túmulo. Era recente, a terra revirada e uma estaca temporária fincada no chão até que uma lápide fosse providenciada.

Sydney emitiu um ruído, um gemido de desconforto que não tinha nada a ver com o frio cortante. Victor olhou para trás e lhe ofereceu um leve sorriso.

— Se anima, Syd — disse ele, despreocupado. — Vai ser divertido.

Na verdade, Victor também não era muito chegado a túmulos. Ele não gostava dos mortos, em grande parte porque não tinha nenhum efeito sobre eles. Sydney, por sua vez, não gostava deles por ter um efeito muito óbvio. Ela manteve os braços cruzados bem apertados, o polegar coberto pela luva esfregando a área do braço onde tinha sido baleada. Isso estava se transformando num tique.

Victor se virou e enfiou uma das pás na terra. Então jogou a outra para Sydney, que descruzou os braços a tempo de pegá-la em pleno ar. A pá era quase do tamanho dela. A poucos dias do aniversário de 13 anos, e mesmo para alguém com 12, Sydney Clarke era pequena. Sempre foi baixinha, mas sem dúvida não ajudou nem um pouco ela mal ter crescido um centímetro desde o dia em que morreu.

Sydney ergueu a pá, fazendo uma careta por causa do peso.

— Você só pode estar de brincadeira — comentou Sydney.

— Quanto mais rápido cavarmos, mais cedo vamos para casa.

Casa não era exatamente uma casa, e sim um quarto de hotel que continha apenas as roupas que Sydney havia roubado, o achocolatado de Mitch e os arquivos de Victor, mas essa não era a questão. No momento, casa seria qualquer lugar que *não* fosse o Cemitério de Merit. Sydney olhou para o túmulo, segurando com força o cabo de madeira. Victor já havia começado a cavar.

— E se... E se os outros acordarem por acidente? — perguntou ela, e engoliu em seco.

— Isso não vai acontecer — respondeu Victor, com a voz suave. — Se concentra *ness*e túmulo aqui. Além do mais... — Ele ergueu os olhos. — Desde quando *você* tem medo de cadáveres?

— Não é medo — retrucou Sydney, rápido demais e com a intensidade de uma pessoa acostumada a ser a irmã caçula. O que ela de fato era. Não de Victor, entretanto.

— Olha, pensa assim — provocou ele, jogando um punhado de terra na grama. — Mesmo que você acorde os outros, eles não têm como sair de onde estão. Agora, começa a cavar.

Sydney se inclinou para a frente, os cabelos loiros e curtos caindo por cima dos olhos, e começou o trabalho. Os dois cavaram na escuridão, o ar preenchido somente pelo cantarolar esporádico de Victor e pelo baque das pás.

Tchac.

Tchac.

Tchac.



DEZ ANOS ANTES

UNIVERSIDADE DE LOCKLAND

Victor cobriu a palavra “maravilha” com uma linha preta, grossa e reta.

O papel no qual o texto havia sido impresso era grosso o bastante para impedir que a tinta manchasse o outro lado, contanto que ele não pressio-nasse com força demais. Victor parou para reler a página alterada e se retraiu quando um dos ornamentos de metal da cerca de ferro da Universidade de Lockland cutucou suas costas. A universidade se orgulhava daquela atmosfera que era um misto de country club e mansão gótica, mas a grade enfeitada que a cercava, embora se empenhasse *muito* para evocar tanto a natureza exclusiva da universidade quanto a estética do Velho Mundo, conseguia apenas parecer sufocante e pretensiosa. Fazia Victor pensar numa gaiola elegante.

Ele mudou de posição e ajeitou o livro nos joelhos, admirado com o tamanho do volume enquanto girava o marcador permanente nos dedos. Era um livro de autoajuda, o mais recente de uma série de cinco, escrito pelos mundialmente famosos dr. e dra. Vale. Os mesmos dr. e dra. Vale que, no momento, estavam em uma turnê internacional. Os mesmos dr. e dra. Vale que reservaram um pouquinho do tempo de sua agenda cheia — mesmo antes de se tornarem best-sellers como “gurus do empoderamento” — para conceber Victor.

Ele voltou a folhear as páginas até encontrar o início do seu mais novo projeto e começou a ler. Era a primeira vez que não rasurava um livro dos Vales apenas por prazer. Não, dessa vez aquilo valia créditos. Victor não conseguia conter o sorriso. Ele se orgulhava imensamente de fazer esses cortes nas obras dos pais, resumindo os longos capítulos sobre empoderamento a mensagens simples e perturbadoramente eficazes. Fazia mais de uma década que ele os emendava, desde os 10 anos; era um trabalho meticuloso, mas recompensador, embora até a semana anterior jamais tivesse conseguido usá-lo para algo útil, como conseguir créditos na faculdade. Naquela semana, depois de esquecer seu último projeto no ateliê do campus durante o almoço — a Universidade de Lockland tinha uma disciplina obrigatória de artes, mesmo para médicos e cientistas em formação —, voltou e encontrou o professor debruçado sobre o trabalho. Victor achou que receberia uma reprimenda, um sermão sobre o custo cultural de se danificar um livro ou talvez sobre o custo material do papel. Em vez disso, o professor interpretou aquela destruição literária como arte. Ele forneceu praticamente toda a explicação, preenchendo quaisquer lacunas com termos como “expressão”, “identidade”, “*ready-made*”, “ressignificação”.

Victor se limitou a acenar positivamente com a cabeça e ofereceu uma palavra perfeita para o fim da lista do professor — “reescrita” — e, dessa maneira, seu trabalho de arte do último ano foi decidido.

O marcador permanente chiava conforme ele cobria outra linha, eliminando várias frases no meio da página. Seu joelho estava ficando dormente com o peso do livro. Se *ele* precisasse de autoajuda, procuraria um livro fino e simples, cuja forma se assemelhasse à proposta. Por outro lado, talvez algumas pessoas precisassem de mais. Talvez algumas pessoas esquadrihassem as prateleiras em busca do livro mais grosso, presumindo que mais páginas equivaliam a mais ajuda psicológica ou emocional. Deu uma lida rápida e sorriu ao descobrir outro trecho para cortar.

Quando o primeiro sinal bateu, o que indicava o término da aula de arte, ele havia transformado as palestras dos pais sobre como começar o dia em:

“Perca-se. Desista. entregue-se. no fim das contas, Seria melhor se entregar antes de começar. perca-se. Perca-se E então você não vai se importar se for encontrado.”

Ele precisou marcar parágrafos inteiros para tornar a frase perfeita depois de cobrir um “importar” sem querer e teve que continuar até encontrar a palavra de novo, em outro trecho. Mas valeu a pena. As páginas cobertas por linhas pretas que se estendiam entre “se”, “importar” e “se for” davam às palavras uma sensação adequada de abandono.

Victor ouviu alguém se aproximar, mas não tirou os olhos do livro. Folheou as páginas até chegar ao fim, onde estivera trabalhando num projeto independente. O marcador permanente atravessou outro parágrafo, linha por linha, o som lento e regular como a respiração. Certa vez, ele havia ficado admirado ao perceber que os livros dos pais serviam de fato como autoajuda, embora não da forma como eles pretendiam. Victor achava tão reconfortante destruí-los, era uma espécie de meditação.

— Destruindo propriedade da universidade de novo?

Victor olhou para cima e deparou com Eli de pé à sua frente. A capa de plástico da biblioteca que cobria o livro ficou enrugada sob a ponta dos seus dedos quando ele inclinou o livro para mostrar a lombada para Eli, onde VALE estava impresso em letras maiúsculas e negrito. Ele é que não ia gastar vinte e cinco dólares e noventa e nove centavos quando a biblioteca de Lockland possuía uma coleção curiosamente extensa da doutrina de autoajuda do dr. e da dra. Vale. Eli pegou o livro da mão de Victor e o folheou.

— Talvez... seja... do... nosso... interesse nos... nos entregar... desistir... em vez de gastar... saliva.

Victor deu de ombros. Ainda não havia terminado.

— Tem um “nos” a mais, logo antes de “entregar” — avisou Eli, jogando o livro de volta.

Victor o pegou e franziu o cenho, passando o dedo pela frase que tinha criado até encontrar o erro e cobrir a palavra de modo sistemático.

— Você tem muito tempo livre, Vic.

— É preciso encontrar tempo para aquilo que importa — recitou ele —, para as coisas que o definem: suas paixões, sua evolução, sua caneta. Pegue sua caneta e escreva sua própria história.

Eli o encarou por um bom tempo, de cenho franzido.

— Que baboseira.

— É da introdução — explicou Victor. — Não precisa se preocupar, eu já risquei tudo. — Ele folheou as páginas, uma trama de letras estreitas e linhas pretas e grossas, até chegar ao início. — Eles praticamente assassinaram Emerson.

Eli deu de ombros.

— Eu só sei que esse livro é o sonho de todo cheirador — comentou ele.

Eli tinha razão: os quatro marcadores permanentes que havia gastado para converter o livro em arte o deixaram com um cheiro bem forte, que Victor achava ao mesmo tempo hipnotizante e desagradável. A destruição por si só era suficiente para deixá-lo chapado, mas supôs que o cheiro fosse um acréscimo inesperado à complexidade do projeto, ou pelo menos essa seria a interpretação do professor de artes. Eli se recostou na grade. Seu cabelo castanho reluziu com os raios de sol, que realçaram tons de vermelho e até mesmo fios dourados. Já o cabelo de Victor era de um loiro pálido. Quando a luz do sol o atingia, nenhuma cor se destacava; apenas era acentuada a *falta* de cor, o que o fazia parecer mais uma foto antiga que um estudante de carne e osso.

Eli continuava olhando para o livro nas mãos de Victor.

— O marcador não mancha o outro lado da folha?

— Era o esperado — respondeu Victor —, mas eles usam um papel com uma gramatura absurdamente alta. É quase como se quisessem que o livro tivesse um peso real na vida dos leitores.

A risada de Eli foi sufocada pelo segundo sinal ecoando no pátio, que começava a esvaziar. Os sinais não eram campainhas, é claro — Lockland era civilizada demais para isso —, mas eram *bem* altos e quase agourentos, e vinham de um único sino de igreja com um tom grave no centro espiritual localizado no meio do campus. Eli xingou e ajudou Victor a se levantar, já se virando para o conjunto de prédios de ciências, com fachada de tijolos vermelhos para que parecessem menos estéreis. Victor não teve pressa nenhuma. Eles ainda tinham um minuto antes que o último sinal tocasse, e, mesmo que chegassem atrasados, os professores nunca os castigariam. Eli só precisava sorrir. Victor só precisava mentir. Ambos os métodos se revelavam espantosamente eficazes.



Victor se sentou nos fundos da sala do seminário geral de ciências, uma matéria criada para reintegrar alunos de várias disciplinas científicas e prepará-los para o trabalho de conclusão de curso, na qual aprendiam métodos de pesquisa. Ou pelo menos *ouviam* o professor falar de métodos de pesquisa. Angustiado pelo fato de a aula depender de laptops, e já que rasurar uma tela não era tão satisfatório, Victor passou a observar os alunos dormir, desenhar, se estressar, prestar atenção e trocar mensagens no laptop. Como já imaginava, isso não prendeu sua atenção por muito tempo, e logo seu olhar passou por eles, pela janela, pela grama. Por tudo.

Sua atenção, enfim, voltou à aula quando Eli ergueu a mão. Victor não tinha ouvido a pergunta, mas viu o colega de quarto dar o seu sorriso perfeito e charmoso antes de responder. Eliot — Eli — Cardale foi um estorvo no começo. Victor não ficou nem um pouco feliz ao ver o rapaz esguio de cabelos castanhos parado à porta do dormitório um mês depois do começo do segundo ano. Seu colega de quarto anterior pensou melhor na primeira semana de aula (não por culpa de Victor, é claro) e largou a faculdade prontamente. Por causa da escassez de estudantes ou talvez de um erro de arquivamento facilitado pelo seu colega do segundo ano, Max Hall, que era incapaz de resistir a qualquer desafio que envolvesse hackear Lockland, o estudante nunca foi substituído. O quarto duplo minúsculo de Victor foi convertido num quarto de solteiro muito mais adequado. Até o começo de outubro, quando Eliot Cardale — que, Victor logo concluiu, sorria demais — apareceu carregando uma mala no corredor.

A princípio, Victor se perguntou o que seria necessário para o quarto voltar a ser só seu naquele mesmo semestre; entretanto, antes que levasse a cabo qualquer um dos planos, algo estranho aconteceu. Ele começou a... gostar de Eli. O colega era precoce e estranhamente charmoso, o tipo de cara que se safava de qualquer situação, graças a bons genes e perspicácia. Ele havia nascido para fazer parte de algum time e frequentar boates; no entanto, para a surpresa de todos, principalmente de Victor, não parecia se interessar por nenhuma dessas

coisas. Esse pequeno ato de rebeldia às expectativas dos outros o fez ganhar muitos pontos com Victor e o transformou em alguém muito mais interessante.

Porém, o que *mais* deixou Victor fascinado era o fato de que definitivamente havia algo de *errado* com Eli. O rapaz era como uma daquelas ilustrações cheias de pequenos erros, do tipo que só era possível encontrar examinando a imagem de todos os ângulos, e, mesmo assim, alguns passavam despercebidos. À primeira vista, Eli parecia bem normal, mas de vez em quando Victor notava uma falha, um olhar de soslaio, um instante em que o rosto e as palavras do seu colega de quarto, seu olhar e seu significado, não se encaixavam. Esses pequenos deslizes intrigavam Victor. Era como observar duas pessoas distintas, uma se escondendo sob a pele da outra. E essa pele vivia bem seca, prestes a rachar e revelar o que havia por baixo.

— Muito astuto, sr. Cardale.

Victor havia perdido a pergunta e a resposta. Ele ergueu o olhar no momento em que o professor Lyne voltou a atenção para os outros alunos e bateu palmas uma vez, concluindo o assunto.

— Certo. Chegou a hora de anunciar o tema dos trabalhos.

A turma, composta em sua maioria de estudantes de medicina, um punhado de aspirantes a físicos e até uma engenheira — mas não Angie, que tinha sido designada para uma seção diferente —, por uma questão de princípios, deu um suspiro coletivo.

— Ora, vamos lá — disse o professor, interrompendo o protesto. — Vocês sabiam no que estavam se metendo quando se inscreveram nessa matéria.

— A gente não sabia, não — apontou Max. — Essa matéria é obrigatória. — A observação o fez receber murmúrios de encorajamento da turma.

— Eu sinto muito por isso, então. Mas, já que estamos aqui... Chegou a hora.

— Semana que vem seria melhor — comentou Toby Powell, um surfista de ombros largos, estudante de medicina e filho de um governador.

Max havia recebido apenas murmúrios; porém, agora os alunos riam de modo proporcional à popularidade de Toby.

— Silêncio — pediu o professor Lyne. A turma se aquietou. — Olhem só, Lockland incentiva um certo nível de... diligência e oferece uma liberdade

proporcional no que se refere aos trabalhos de conclusão, mas ouçam um conselho meu. Faz sete anos que dou essa matéria. Vocês não vão conseguir muita coisa se escolherem um tema seguro e ficarem à sombra; *entretanto*, um trabalho ambicioso não vai ganhar pontos somente pela ousadia. As notas dependem da execução. Encontrem um tema relacionado à sua área de interesse o suficiente para que sejam produtivos sem escolher algo em que já se considerem especialistas. — Ele lançou um sorriso desdenhoso a Toby. — Pode começar, sr. Powell.

Toby correu os dedos pelo cabelo, enrolando para responder. A advertência do professor havia claramente abalado sua confiança no tema que estivera prestes a anunciar. Ele emitiu uns resmungos inaudíveis enquanto folheava as anotações.

— Hum... Linfócitos Th17 e imunologia.

Ele tomou cuidado para não subir o tom de voz para uma interrogação no fim da frase. O professor Lyne o deixou aguardando por um momento, e todo mundo esperou para ver se ele encararia Toby com “o olhar” — o queixo levemente erguido e a cabeça inclinada pelos quais havia ficado famoso; um olhar que dizia: “O senhor por acaso não gostaria de tentar outra vez?” —, mas, por fim, ele o honrou com um leve aceno.

Seu olhar mudou de direção.

— Sr. Hall?

Max abriu a boca no instante em que Lyne o interrompeu.

— Nada de tecnologia. Ciência, sim; tecnologia, não. Escolha com sabedoria.

A boca de Max se fechou enquanto ele pensava no que dizer.

— A eficácia elétrica na energia sustentável — disse depois de uma pausa.

— Hardware, não software. Uma escolha admirável, sr. Hall.

O professor continuou com o interrogatório.

Padrões de hereditariedade, equilíbrios e radiação foram aprovados, enquanto efeitos de álcool, cigarros e substâncias ilícitas, propriedades químicas da metanfetamina e resposta sexual do corpo receberam “o olhar”. Um por um, os temas foram aprovados ou revisados.

— Próximo — ordenou o professor Lyne, o senso de humor já mingando.

— Pirotecnia química.

Uma longa pausa. O tema tinha vindo de Janine Ellis, cujas sobrancelhas ainda não haviam se recuperado totalmente das últimas pesquisas. O professor Lyne deu um suspiro, acompanhado pelo “olhar”, mas Janine se limitou a sorrir, e não havia nada que ele pudesse fazer. Ellis era uma das alunas mais jovens da sala e, no primeiro ano, descobriu um novo e vibrante tom de azul que as empresas de fogos de artifício do mundo inteiro passaram a usar. Se estava disposta a perder as sobrancelhas, era problema dela.

— E você, sr. Vale?

Victor olhou para o professor, considerando as opções. Ele nunca foi muito bom em física, e, embora química o divertisse, sua paixão era a biologia — anatomia e neurociência. Queria escolher um tema que tivesse potencial para experimentos mas também gostaria de manter as sobrancelhas intactas. E, apesar de querer manter a posição no departamento, há semanas vinha recebendo pelo correio propostas de escolas de medicina, programas de pós-graduação e laboratórios de pesquisa (e outras, de natureza confidencial, há alguns meses). Victor e Eli começaram a decorar o hall de entrada do alojamento com as cartas. Não com as propostas, mas com as cartas que as precediam, repletas de elogios e charme, flertes e bilhetes escritos à mão. Nenhum dos dois precisava mover mundos com o trabalho de conclusão de curso.

O professor Lyne pigarreou.

— Indutores ad-renais — respondeu Victor, fazendo um gracejo.

— Sr. Vale, eu já recusei uma proposta que envolvia intercurso sexual...

— Não é isso — retrucou Victor, balançando a cabeça. — Adrenalina, seus indutores emocionais e físicos e suas consequências. Limiares bioquímicos. Luta ou fuga. Esse tipo de coisa.

Ele observou a expressão do professor, à espera de um sinal, e Lyne por fim concordou com um aceno.

— Não faça com que eu me arrependa disso.

E então se virou para Eli, o único que ainda não havia respondido.

— Sr. Cardale?

Eli sorriu, tranquilo.

— EOS.

A turma inteira, que se distraía cada vez mais em conversas abafadas enquanto os alunos anunciavam os temas, parou de falar. Os papos, o barulho de pessoas digitando e a agitação nas cadeiras foram interrompidos enquanto o professor Lyne estudava Eli com um olhar diferente, que estava entre a surpresa e a confusão, moderado apenas pelo conhecimento de que Eli era um dos melhores alunos da turma, talvez até mesmo de todo o departamento de medicina — bem, dividindo com Victor os primeiro e segundo lugares, de todo modo.

— Temo que o senhor precise elaborar melhor — pediu Lyne, devagar.

O sorriso de Eli não fraquejou.

— Uma discussão sobre a possibilidade teórica da existência de pessoas ExtraOrdinárias a partir de critérios biológicos, químicos e psicológicos.

O professor Lyne inclinou a cabeça e ergueu o queixo, mas, quando abriu a boca, tudo o que disse foi:

— Cuidado, sr. Cardale. Como avisei, ninguém vai ganhar pontos apenas pela ousadia. Espero que não transforme a minha aula numa palhaçada.

— Isso é um “sim”? — perguntou Eli.

O primeiro sinal tocou.

A cadeira de alguém arranhou o chão, mas ninguém ousou se levantar.

— Tudo bem — respondeu o professor Lyne.

O sorriso de Eli ficou mais largo.

Tudo bem?, pensou Victor. Examinando os olhares dos outros alunos, viu reações que iam da curiosidade à surpresa e à inveja exibidas naqueles rostos. Era uma piada. Tinha que ser. Porém, o professor Lyne se limitou a se empertigar e voltou à compostura de sempre.

— Vão em frente, alunos — disse ele. — Façam acontecer.

A sala irrompeu em movimento. Cadeiras foram arrastadas, mesas, jogadas para o lado, mochilas, erguidas, e a turma seguiu para o corredor como uma onda, levando Victor consigo. Ele olhou ao redor, à procura de Eli, e viu que ele ainda estava na sala de aula, falando baixo mas animado com o professor Lyne. Por um instante, a serenidade constante desapareceu e seus olhos relu-

ziram com energia, um lampejo voraz de ambição. No entanto, depois que ele deixou o professor Lyne e se juntou a Victor no corredor, aquele brilho havia sumido, escondido por trás de um sorriso despreocupado.

— Que merda foi aquela? — inquiriu Victor. — Eu sei que o trabalho de conclusão de curso não importa muito a essa altura, mas, ainda assim... Era para ser uma piada?

Eli deu de ombros, e, antes que Victor pudesse insistir no assunto, o celular do amigo começou a tocar um electro-rock dentro do bolso. Victor se encolheu perto da parede enquanto Eli o atendia.

— Oi, Angie. Sim, a gente está indo. — Ele desligou sem esperar a resposta. — Fomos convocados. — Eli passou o braço pelos ombros de Victor. — Minha bela donzela está com fome. Não me atrevo a deixá-la esperando.



NOITE PASSADA

CEMITÉRIO DE MERIT

Os braços de Sydney estavam começando a doer por causa do peso da pá, mas, pela primeira vez no ano, não estava com frio. Suas bochechas ardiam, ela suava debaixo do casaco e se sentia viva.

Até onde sabia, essa era a *única* parte boa em desenterrar um cadáver.

— A gente não pode fazer outra coisa? — perguntou ela, apoiando-se na pá.

Sydney sabia qual seria a resposta de Victor, podia sentir a paciência dele se esgotando, mas ainda assim tinha que perguntar, porque perguntar era conversar, e conversar era a única maneira de distrair a mente do fato de que ela estava de pé sobre um cadáver, cavando para chegar até ele em vez de se afastar.

— A mensagem precisa ser enviada — respondeu Victor, sem parar de cavar.

— Bem, talvez a gente pudesse mandar uma mensagem *diferente* — sussurrou ela.

— Isso tem que ser feito, Syd — reforçou ele, por fim erguendo o olhar. — Por isso tenta pensar em algo divertido.

Sydney suspirou e voltou a cavar. Alguns punhados de terra depois, ela parou. Quase tinha medo de perguntar.

— No que *você* está pensando, Victor?

Ele deu um sorriso discreto e perigoso.

— Em como a noite está agradável.

Ambos sabiam que era mentira, mas Sydney decidiu que preferia não saber a verdade.



Victor não estava pensando no clima.

Ele mal sentia o frio atravessando o casaco. Estava ocupado demais tentando imaginar a cara que Eli faria quando recebesse a mensagem. Tentava imaginar o choque, a raiva e, no meio de tudo isso, o medo. Medo por saber que aquilo só podia significar uma coisa.

Victor havia escapado. Victor estava livre.

E estava indo atrás de dele — como havia prometido que faria.

Enfiou a pá na terra gelada com um baque satisfatório.

IV



DEZ ANOS ANTES

UNIVERSIDADE DE LOCKLAND

— Você não vai mesmo me dizer o que foi aquilo? — perguntou Victor enquanto seguia Eli pelas enormes portas duplas que davam para o Salão Internacional de Refeições de Lockland, mais conhecido como SIR.

Eli não respondeu, ocupado em sua busca por Angie no refeitório.

Na opinião de Victor, o lugar parecia um parque temático, com toda a parafernália de uma praça de alimentação oculta sob painéis de plástico e gesso do tamanho errado e no lugar errado, uma ao lado da outra. Ao redor do pátio quadrangular onde ficavam as mesas havia onze opções de restaurante com menus diferentes grafados em fontes variadas e com decoração diversa. Perto das portas duplas havia um bistrô que tinha um pórtico baixo usado para organizar a fila de espera. Ao lado, ouvia-se música italiana, e havia vários fornos de pizza atrás do balcão. Na extremidade oposta do pátio ficavam os restaurantes de comida tailandesa, chinesa e japonesa, com suas lanternas de papel em cores primárias, vibrantes e convidativas. Além deles, havia um fast-food, uma churrascaria, um restaurante de comida caseira, outro de saladas, uma loja de *smoothies* e um café.

Angie Knight estava sentada perto do restaurante italiano, enrolando macarrão no garfo, os cachos acobreados caindo por cima dos olhos enquanto lia um livro preso debaixo da bandeja. Victor sentiu um formigamento percorrê-lo ao avistá-la, aquela sensação voyeurística de ver alguém antes de ser visto, de poder simplesmente ficar observando. Esse instante acabou quando Eli também a viu e chamou a atenção de Angie sem dizer uma palavra. Os dois eram como ímãs, pensou Victor, cada um com o próprio campo magnético. Todos os dias, durante as aulas, ou pelo campus, as pessoas eram sempre atraídas *para* eles. Até mesmo Victor sentia isso. E então, quando eles se aproximavam... Bem, num instante os braços de Angie envolviam o pescoço de Eli, seus lábios perfeitos tocando os dele.

Victor desviou o olhar para dar aos dois um pouco de privacidade, o que era absurdo, considerando que a demonstração pública de afeto deles era bastante... pública. Uma professora várias mesas à frente tirou os olhos de um relatório dobrado ao meio e ergueu a sobrancelha antes de virar a página com violência, para que todos ouvissem. Por fim, Eli e Angie conseguiram se desgrudar, e ela cumprimentou Victor com um abraço, um gesto simples, mas genuíno, toda a afeição, porém sem o tesão.

Mas não tem problema. Ele não estava apaixonado por Angie Knight. Ela não lhe pertencia. Apesar de tê-la conhecido primeiro, apesar de já ter sido como um ímã para ela, e de ela ter ficado atrás dele no SIR naquela primeira semana da faculdade, e de os dois terem tomado *smoothies* porque ainda estava absurdamente quente mesmo que já fosse setembro, e de o rosto dela estar corado por causa do treino de corrida e o dele, por causa dela. *Apesar* de ela sequer *conhecer* Eli até o segundo ano, quando *Victor* levou o novo colega de quarto para jantar com os dois porque parecia bom para o carma.

Maldito carma, pensou enquanto Angie se desvencilhava e voltava a se sentar.

Eli pegou uma sopa e Victor comprou comida chinesa, e os três se sentaram para comer na algazarra crescente do refeitório e conversar sobre coisas sem importância, embora Victor estivesse desesperado para descobrir no que raios Eli estivera pensando ao escolher os EOS como tema do trabalho. Apesar disso, Victor sabia que era melhor não interrogá-lo na frente de Angie.

Angie Knight era uma *força da natureza*. Uma força da natureza de pernas compridas e com o caso mais sério de curiosidade que ele já havia conhecido. Tinha apenas 20 anos e foi cobiçada pelas melhores faculdades desde que aprendeu a dirigir, recebeu dezenas de cartões de visita, seguidos por dezenas de propostas e da mesma quantidade de contatos posteriores para perguntar o que achava delas, de subornos sutis e outros não tão sutis assim, e ali estava ela, em Lockland. Fazia pouco tempo, havia aceitado a oferta de uma empresa de engenharia; depois de se formar, iria se tornar a funcionária mais jovem — e mais inteligente, Victor podia apostar — do lugar. Angie sequer teria idade para comprar bebidas alcoólicas.

Além do mais, a julgar pelos olhares que Eli recebeu dos alunos ao escolher o tema do seu trabalho, ela logo ficaria sabendo.

Enfim, após um almoço pontuado por pausas e ocasionais olhares de advertência de Eli, o sinal tocou e Angie se dirigiu para a próxima aula. Ela nem *devia* ter mais aulas, mas havia se inscrito numa eletiva extra. Eli e Victor continuaram sentados, observando a cabeleira ruiva se afastar balançando com a alegria de alguém que está prestes a comer um bolo e não explorar casos de química forense ou a eficácia mecânica ou seja lá qual era o hobby de Angie agora.

Ou melhor, Eli a observou, e Victor observou Eli observando-a enquanto algo se revirava em seu estômago. Não era só o fato de Eli ter roubado Angie de Victor — isso já era ruim —, mas, de certa forma, Angie também roubara Eli dele. O Eli mais interessante, de qualquer maneira. Não aquele com dentes perfeitos e sorriso fácil, mas o Eli sob a fachada, aquele reluzente e afiado como cacos de vidro. Naqueles cacos pontiagudos, Victor via algo que reconhecia. Algo perigoso e voraz. Só que, quando Eli estava com Angie, essa faceta nunca dava as caras. Nessas situações, ele era o namorado perfeito, afetuoso, atencioso e *sem graça*, e Victor pegou a si mesmo analisando o amigo enquanto Angie se afastava, em busca de algum sinal de vida.

Vários minutos se passaram em silêncio enquanto o refeitório se esvaziava, até que Victor perdeu a paciência e deu um chute em Eli por baixo da mesa de madeira. Os olhos dele se ergueram da comida preguiçosamente.

— O que foi?

— Por que os EOS?

Aos poucos, o rosto de Eli começou a se abrir, e Victor sentiu o aperto no peito diminuir com alívio ao ver o lado sombrio de Eli à espreita.

— Você acredita que eles existem? — perguntou o amigo, desenhando padrões nos restos da sopa.

Victor hesitou enquanto comia um pedaço de frango com limão. *EO. ExtraOrdinário*. Tinha ouvido falar deles da mesma forma que se ouviu falar de qualquer fenômeno, em sites de pessoas que acreditavam nisso e num eventual documentário de madrugada, no qual “especialistas” analisam a imagem granulada da gravação de um homem levantando um carro ou de uma mulher envolta em fogo sem se queimar. *Ouvir* falar dos EOS e *acreditar* neles eram duas coisas bem diferentes, e, pelo tom de voz de Eli, Victor não saberia dizer de qual lado o amigo estava. Tampouco saberia dizer de qual lado Eli queria que *ele* estivesse, o que tornava a busca por uma resposta uma tarefa muito mais difícil.

— Então — provocou Eli —, você acredita?

— Não sei bem se é uma questão de acreditar... — respondeu Victor, com sinceridade.

— Tudo começa com a crença — retrucou Eli. — Com a fé.

Victor fez uma careta. Da forma como ele via Eli, esse amparo que o amigo encontrava na religião era uma falha. Victor fazia o possível para relevar a questão, mas era uma barreira constante nas conversas que tinham. Eli deve ter percebido que Victor estava perdendo o interesse.

— Com a reflexão, então — emendou ele. — Você costuma *refletir* sobre as coisas?

Victor refletia sobre muitas coisas. Sobre si mesmo (se era imperfeito, especial, melhor, pior) e sobre as outras pessoas (se eram todas tão estúpidas quanto pareciam). Refletia sobre Angie — sobre o que aconteceria se contasse a ela como se sentia, sobre como seria se ela escolhesse ficar com ele. Refletia sobre a vida, as pessoas, a ciência, a magia, Deus e se acreditava em qualquer uma dessas coisas.

— Sim — respondeu, lentamente.

— Bem, quando você pensa em alguma coisa — continuou Eli —, não significa que parte de você *quer* acreditar naquilo?

— E você quer acreditar em super-heróis.

Victor tomou cuidado para falar sem emitir julgamento, mas foi incapaz de suprimir o sorriso que surgia aos poucos em sua boca. Ele esperava que Eli não se sentisse ofendido, que encarasse aquilo com bom humor — com leveza, não zombaria —, mas não adiantou. O rosto do amigo voltou a se fechar.

— Tudo bem, é idiotice, não é? Você me pegou. Eu estou pouco me fodendo para o trabalho. Só queria ver se Lyne deixaria eu me safar com essa — declarou Eli, abrindo um sorriso claramente superficial e se levantando da mesa. — Só isso.

— Espera — interveio Victor. — Não é só isso.

— É *só* isso.

Ele se virou, deixou a bandeja no lixo e saiu do refeitório antes que Victor pudesse dizer mais alguma coisa.



Victor sempre carregava um marcador permanente no bolso de trás da calça.

Enquanto ele perambulava pelos corredores da biblioteca em busca de livros que o ajudassem a começar o trabalho, seus dedos coçavam para pegá-lo. A conversa fracassada com Eli o deixou tenso, e ele ansiava pela calma, pela paz, pelo zen particular que encontrava na lenta supressão das palavras de outra pessoa. Ele conseguiu chegar à seção de medicina sem causar nenhum incidente e acrescentou um livro sobre o sistema nervoso humano ao de psicologia que já tinha escolhido. Após encontrar alguns textos menores sobre glândulas ad-renais e impulso humano, foi fazer o registro de saída dos livros, tomando o cuidado de manter a ponta dos dedos — permanentemente manchadas por causa dos projetos de arte — escondidas nos bolsos ou sob a beirada do balcão enquanto o bibliotecário conferia os livros. Houve algumas reclamações durante a época em que estudava em Lockland sobre livros que eram “vandalizados”, isso quando não eram completamente “destruídos”. O bibliotecário olhou para Victor por cima da pilha de livros como se os

crimes estivessem escritos no rosto dele em vez de nos dedos, antes de, por fim, registrar a saída dos livros e devolvê-los a ele.

De volta ao quarto do alojamento que dividia com Eli, Victor tirou as coisas da mochila. Ele se ajoelhou e colocou o livro de autoajuda todo rasurado numa prateleira baixa, ao lado de outros dois que tinha pegado emprestado e alterado, satisfeito por ainda não ter recebido nenhuma ligação pedindo para devolvê-los à biblioteca. Deixou os livros sobre adrenalina na mesa. Ouviu a porta ser aberta e fechada, e alguns minutos depois foi para a sala de estar, onde encontrou Eli jogado no sofá. Ele havia colocado uma pilha de livros e impressões grampeadas na mesinha de centro feita de madeira, propriedade da universidade, mas, ao deparar com Victor, pegou uma revista e começou a folheá-la, fingindo estar entediado. Os livros em cima da mesa eram sobre assuntos tão variados quanto função cerebral sob estresse, força de vontade nos seres humanos, anatomia, respostas psicossomáticas... No entanto, as impressões eram outra história. Victor pegou uma delas e afundou numa poltrona para ler. Eli franziu o cenho de leve, mas não o impediu. Eram capturas de sites, comunidades e fóruns da internet. Essas coisas nunca seriam aceitas como fonte.

— Me conta a verdade — pediu Victor, e devolveu as páginas para a mesa entre os dois.

— Que verdade? — perguntou Eli, distraído.

Victor o encarou, os olhos azuis fixos e sem piscar, até que Eli, por fim, colocou a revista de lado, endireitou-se no sofá e se virou, com os pés firmes no chão, para espelhar a posição de Victor.

— Eu acho que talvez eles existam — declarou Eli. — *Talvez* — enfatizou —, mas estou disposto a considerar a possibilidade.

Victor se surpreendeu com a sinceridade na voz do amigo.

— Continue — pediu, com sua melhor expressão de *confie em mim*.

Eli correu os dedos pela pilha de livros.

— Tenta encarar as coisas da seguinte forma: nas histórias em quadrinhos, existem duas maneiras de se tornar um herói. Ou é inato ou é adquirido. Há tanto o Superman, que nasceu daquele jeito, quanto o Homem-Aranha, que se tornou o que é. Está me acompanhando?

— Sim.

— Se você fizer uma busca rápida na internet pelos EOS — ele indicou as impressões —, vai encontrar a mesma divisão. Alguns afirmam que os EOS já nascem extraordinários, enquanto outros sugerem que eles se tornam depois do contato com coisas que vão desde uma gosma radioativa e insetos venenosos até o puro acaso. Digamos que você consiga encontrar um EO e a prova de que eles *realmente* existem. Então a pergunta passa a ser: como? Eles nascem assim? Ou são *criados*?

Victor observou como os olhos de Eli brilhavam enquanto ele falava dos EOS, como a mudança em seu tom de voz — mais baixo e urgente — combinava com os movimentos dos músculos do seu rosto ao tentar esconder a empolgação. O entusiasmo se infiltrava nos cantos da sua boca, o fascínio nos seus olhos, a energia na mandíbula. Victor observava o amigo, hipnotizado com a transformação. Ele mesmo era capaz de imitar a maior parte das emoções e passá-las como suas, mas uma imitação tinha certo limite, e ele jamais seria capaz de alcançar esse... *fervor*. Sequer tentou. Em vez disso, Victor se manteve calmo e ouviu, com os olhos atentos e reverentes para que Eli não se sentisse desencorajado e recuasse.

A última coisa que Victor queria era fazer com que ele recuasse. Tinha levado quase dois anos de amizade para conseguir quebrar a casca de charme e doçura de Eli e encontrar o que ele sempre soube que espreitava sob a superfície. E agora, curvado sobre uma mesa de centro cheia de capturas de tela em baixa resolução de sites criados por homens adultos que moravam no porão dos pais, parecia que Eliot Cardale havia encontrado Deus. Ou melhor: parecia que havia encontrado Deus e quisesse manter isso em segredo, mas não conseguisse. Essa sensação brilhava através da sua pele como se fosse luz.

— Então — disse Victor lentamente —, vamos supor que EOS existam. Você precisa descobrir *como*.

Eli lhe lançou o tipo de sorriso que o líder de um culto gostaria de ter.

— Essa é a ideia.

V



NOITE PASSADA

CEMITÉRIO DE MERIT

Tchac.

Tchac.

Tchac.

— Quanto tempo você passou preso? — perguntou Sydney, tentando preencher o silêncio. O som das pás, combinado ao cantarolar distraído de Victor, estava lhe dando nos nervos.

— Tempo demais.

Tchac.

Tchac.

Seus dedos doíam de tanto segurar aquela pá.

— E foi lá que você conheceu Mitch?

Mitch — Mitchell Turner — era o homem enorme que esperava por eles no quarto de hotel. Não porque ele não gostava de cemitérios, como fez questão de enfatizar. Não, era só porque *alguém* tinha que ficar e cuidar de Dol, e, além do mais, havia trabalho a ser feito. Muito trabalho. A decisão não tinha nada a ver com os cadáveres.

Sydney sorriu ao se lembrar de Mitch tentando arrumar desculpas. Ela se sentiu um pouquinho melhor ao pensar nele, que tinha quase o tamanho de um carro — e que provavelmente conseguia erguer um com facilidade —, todo receoso com a morte.

— A gente dividiu a cela — explicou ele. — Tem muita gente ruim na cadeia, Syd, e só umas poucas pessoas decentes. Mitch era uma delas.

Tchac.

Tchac.

— Você é um dos ruins? — perguntou Sydney.

Seus límpidos olhos azuis o encaravam, sem piscar. Ela não sabia bem se a resposta tinha importância, para falar a verdade, mas achou que seria bom saber.

— Algumas pessoas diriam que sim — respondeu Victor.

Tchac.

Ela continuou olhando para ele.

— Eu não acho que você seja uma pessoa ruim, Victor.

Ele continuou cavando.

— É tudo uma questão de opinião.

Tchac.

— Sobre a prisão. Você... Você foi solto? — perguntou ela, baixinho.

Tchac.

Victor enfiou a pá no chão e ergueu o olhar para ela. Em seguida, sorriu, o que Sydney notou que ele costumava fazer antes de mentir, e disse:

— É claro que sim.

VI



UMA SEMANA ANTES

PENITENCIÁRIA DE WRIGHTON

A prisão em si não era tão importante quanto o que ela havia proporcionado a Victor: tempo.

Cinco anos de isolamento lhe deram tempo para pensar.

Quatro anos de integração (graças aos cortes orçamentários e à falta de provas de que Vale fosse, sob qualquer aspecto, anormal) lhe deram tempo para treinar. E quatrocentos e sessenta e três detentos para praticar.

E, nos últimos sete meses, teve tempo para planejar aquele exato momento.

— Você sabia — disse Victor, consultando um livro da biblioteca da prisão sobre anatomia (ele achava bem idiota oferecer aos detentos o conhecimento da posição exata de órgãos vitais, mas fazer o quê?) — que quando se tira o medo de sentir dor de alguém, também desaparece o medo da morte? As pessoas passam a se achar imortais. O que não é verdade, mas, bem, como é mesmo o ditado? Somos todos imortais até que se prove o contrário.

— Alguma coisa assim — respondeu Mitch, um pouco preocupado.

Mitch dividia a cela com Victor na Penitenciária Federal de Wrighton. Victor gostava dele, em parte porque Mitch não se interessava nem um

pouco pela política da prisão, em parte porque ele era *inteligente*. As pessoas pareciam não notar isso por causa do tamanho do sujeito, mas Victor percebeu o talento e fez bom uso dele. Por exemplo, no momento Mitch tentava provocar um curto-circuito numa câmara de segurança com uma embalagem de goma de mascar, um cigarro e um pedaço de arame que Victor conseguiu para ele três dias antes.

— Consegui — avisou Mitch alguns minutos depois, enquanto Victor percorria com o dedo o capítulo sobre sistema nervoso. Ele deixou o livro de lado e estalou os dedos ao ver o guarda vindo pelo corredor.

— Vamos começar? — perguntou ele quando o ar começou a vibrar.

Mitch olhou longamente a cela e assentiu.

— Você primeiro.

VII



DOIS DIAS ANTES

NA ESTRADA

A chuva atingia o carro em ondas. Era tanta água que o para-brisa não conseguia dar conta de limpar o vidro e acabava só jogando água de um lado para o outro, mas nem Victor nem Mitch reclamavam. Afinal de contas, o carro era roubado. E, sem dúvida, tinha sido um *belo* negócio — já estavam rodando com o veículo sem incidentes fazia quase uma semana, desde que o afanaram numa parada de estrada a poucos quilômetros da prisão.

O carro passou por uma placa que dizia MERIT — 37 QUILOMETROS.

Mitch dirigia e Victor encarava o mundo que passava velozmente através da tempestade. Parecia tão rápido. Tudo parecia rápido depois de se ter passado dez anos numa cela. Ele se sentia livre. Nos primeiros dias, eles dirigiram sem rumo, pois a necessidade de se deslocar superava a necessidade de um destino. Victor não sabia para onde estavam indo. Ainda não havia se decidido por onde começar a busca. Dez anos era tempo suficiente para planejar os mínimos detalhes da fuga. Em uma hora, conseguiu roupas novas; em um dia, dinheiro; mas uma semana se passou sem que ele soubesse onde começar a procura por Eli.

Até aquela manhã.

Comprou um exemplar do *National Mark*, um jornal de circulação nacional, num posto de gasolina e estava folheando as páginas, distraído, quando a sorte sorriu para ele. Ou pelo menos *alguém* sorriu para ele. Sorriu ao ver uma foto impressa à direita de uma matéria intitulada:

HERÓI CIVIL SALVA BANCO

O banco ficava em Merit, uma enorme metrópole que se estendia a meio caminho entre o arame farpado de Wrigton e a cerca de ferro de Lockland. Ele e Mitch estavam seguindo nessa direção por nenhum outro motivo além de ser um lugar para onde ir. Uma cidade cheia de pessoas que Victor podia interrogar, persuadir, coagir. E uma cidade cheia de promessas, pensou, erguendo o jornal dobrado.

Ele havia comprado o *National Mark*, mas só levava aquela página, guardando-a em sua pasta quase com reverência. Era um começo.

Nesse momento, Victor fechou os olhos e reclinou a cabeça no encosto, enquanto Mitch dirigia.

Cadê você, Eli?, perguntou-se.

Cadê você cadê você cadê você cadê você?

A pergunta ecoava em sua mente. Ele pensou nisso todos os dias dos últimos dez anos. Alguns dias, distraidamente; outros, com uma necessidade tão profunda de saber que chegava a doer. *Doía* de verdade, o que, para Victor, queria dizer muita coisa. Ele voltou a se recostar no assento enquanto o mundo passava voando do outro lado da janela. Eles não pegaram a autoestrada — a maior parte dos fugitivos não seria idiota de fazer isso —, mas o limite de velocidade da estrada era mais que suficiente. Qualquer coisa era melhor que ficar parado.

Um tempo depois, o carro passou por um pequeno buraco, e o solavanco tirou Victor do devaneio. Ele piscou e virou a cabeça para observar as árvores na beira da estrada. Abriu a janela até a metade para sentir a velocidade, ignorando os protestos de Mitch sobre a chuva molhar o interior do carro. Ele

não se importava com a água nem com os assentos. Precisava *sentir* aquilo. Estava anoitecendo, e, nos últimos momentos do dia, Victor avistou uma forma se movendo ao lado da estrada. Era pequena e, de cabeça baixa, abraçava o próprio corpo enquanto caminhava pelo acostamento. O carro passou por ela antes de Victor franzir o cenho e falar:

— Mitch, volta.

— Para quê?

Victor voltou a atenção para o homem enorme ao volante.

— Não me obriga a pedir de novo.

Mitch não o obrigou. Deu ré, fazendo os pneus cantarem no asfalto molhado. Voltaram a passar pela figura. Mitch pôs o carro de novo na primeira marcha e dirigiu devagar ao lado da forma. Victor abriu o restante da janela, a chuva entrando com vontade.

— Está tudo bem? — perguntou ele, falando mais alto que o barulho da chuva.

A figura não respondeu. Victor sentiu algo formigar nos seus sentidos, com um zumbido. Dor. Não dele.

— Para o carro — mandou, e dessa vez Mitch pisou no freio prontamente; prontamente até *demais*.

Victor saiu, fechou o casaco até o pescoço e começou a andar ao lado da estranha. Ele era uns três palmos mais alto.

— Você está ferida — disse ele para o monte de roupas encharcadas.

Não descobriu isso por causa dos braços cruzados sobre o peito, nem por causa da mancha escura na manga, mais escura até que a chuva, ou porque a figura recuou de repente quando ele estendeu a mão para tocá-la. Victor sentia o cheiro de dor da mesma forma que um lobo sente o cheiro de sangue. Estava em sintonia com ela.

— Para — pediu, e dessa vez os passos da pessoa diminuíram até parar. A chuva caía, incessante e fria sobre os dois. — Entra no carro.

Então a figura ergueu o olhar para ele e o capuz do casaco molhado baixou sobre os ombros estreitos. Límpidos olhos azuis, ameaçadores sob o lápis preto borrado, o encararam de um rosto jovem. Victor conhecia muito bem

a dor para se deixar enganar pelo olhar de desafio, pela mandíbula cerrada no rosto emoldurado por cabelos loiros e encharcados. Ela não devia ter mais de 12 anos, talvez 13.

— Vem — apressou Victor, gesticulando para o carro parado ao lado deles. A garota se limitou a ficar encarando-o.

— O que poderia acontecer com você? — perguntou Victor. — Não pode ser pior do que o que já aconteceu.

Como ela não fez nenhum movimento em direção ao carro, Victor suspirou e apontou para o braço dela.

— Me deixa dar uma olhada nisso.

Ele estendeu a mão, resvalando os dedos no casaco da garota. O ar ao redor da sua mão estalou como sempre fazia, e a garota deixou escapar um gemido de alívio quase inaudível. Ela esfregou a manga.

— Ei, para com isso — advertiu ele, e afastou a mão da garota da ferida. — Eu não curei você.

Os olhos da garota dançaram entre a mão dele e a manga dela.

— Estou com frio — comentou ela.

— E eu estou com Mitch — disse ele, apontando para o carro. Ela lhe ofereceu um leve sorriso, exausto. — Eu me chamo Victor, aliás. Então, o que você acha de sairmos da chuva?

VIII



NOITE PASSADA

CEMITÉRIO DE MERIT

— Você não é uma pessoa ruim — repetiu Sydney, jogando terra na grama iluminada pelo luar. — Mas Eli é.

— Sim. Eli é.

— Mas ele não foi preso.

— Não.

— Você acha que ele vai receber a mensagem? — perguntou ela, apontando para o túmulo.

— Com certeza. E, se ele não receber, a sua irmã vai.

O estômago de Sydney se revirou à menção da irmã. Para ela, a irmã mais velha era como duas pessoas diferentes, duas imagens sobrepostas de tal forma que ambas ficavam borradas e que a deixavam tonta, enjoada.

Havia a Serena anterior ao lago. A Serena que se ajoelhou diante dela no dia em que partiu para a faculdade — ambas cientes de que ela estava abandonando a irmã numa casa vazia e tóxica — e secou as lágrimas do rosto da caçula com o polegar, dizendo repetidas vezes: “Eu não vou sumir, eu não vou sumir.”

E havia a Serena posterior ao lago. A Serena de olhos frios e sorriso vazio, e que fazia coisas acontecerem usando apenas palavras. A mesma que atraiu Sydney para o campo com um cadáver e insistiu para que ela mostrasse o dom para em seguida ficar triste quando o fez. A Serena que simplesmente virou o rosto quando o namorado apontou a arma.

— Eu não quero ver a Serena — declarou Sydney.

— Eu sei — disse Victor —, mas eu quero ver Eli.

— Por quê? — perguntou ela. — Você não tem como matar ele.

— Pode até ser verdade. — Seus dedos apertaram o cabo da pá. — Mas tentar faz parte da diversão.